

MESCLAGEM EM CAPAS DE REVISTAS

Antonio Marcos Vieira de Oliveira (UERJ)

amvdeo@hotmail.com

Eduardo Ribeiro de Oliveira (UERJ)

eduardooliveira40@yahoo.com.br

1. Introdução

Este estudo tem como objetivo observar os processos e operações subjacentes à produção de significados realizados pela mente humana. À luz da teoria da integração conceptual, analisaremos capas da revista, com o intuito de relatar a construção do sentido de natureza conceitual que exige para o mesmo uma noção de vários processos que influenciam e que não agem separadamente e de forma unidirecional, mas sim de forma sincronizada e em múltiplas direções.

Objetivamos apresentar, por meio da análise de capas de revista, como ocorre a mesclagem conceptual no processo de construção de sentidos. Entenderemos aqui a mesclagem conceptual como um mecanismo de conceptualização extremamente necessário para a compreensão da mensagem veiculada pelas capas de revistas. Especificamente, averiguaremos os tipos de relação vital que sofrem compressão na mescla a fim de justificar se há ou não processo de mesclagem.

Dessa forma, pretendemos observar os elementos que são ativados pela mesclagem conceptual, ao admitirmos que a manchete de capa objetiva a persuasão do interlocutor, ou seja, ela instiga o leitor para a aquisição da revista, ou melhor, do conteúdo presente no interior da revista. Admitimos, assim, que as chamadas das capas de revistas buscam prender a atenção do leitor para que ele adquira o periódico.

Nossa investigação é fundamentada a partir das teorias da mesclagem conceptual como nos termos propostos por Fauconnier e Turner (2002) e da teoria dos espaços mentais proposta por Fauconnier (1994). Assim, na seção seguinte, sintetizaremos os conceitos que serão empregados na análise e, na sessão final, apresentaremos a mesclagem presente em capas de revistas.

2. *A construção de sentidos e a mesclagem conceptual*

A teoria da mesclagem conceptual, desenvolvida por Fauconnier e Turner (2002), possui como linha geral de sua investigação as discussões, travadas no âmbito da linguística cognitiva, acerca da construção do significado.

De acordo com esse enfoque, o processamento do significado é entendido como uma instanciamento de operações mentais que dão conta da ação discursiva, em outros termos, a construção do significado é desenvolvida de acordo com o contexto.

Admitindo o entendimento postulado pelos autores, entendemos que é de natureza capital averiguarmos os tipos de conexões realizados por nossa mente e também o efeito produzido quando as palavras são utilizadas em contextos diferenciados.

Parece-nos natural considerar que a criação e integração de espaços mentais são parte dessa conexão realizada por nossa mente, haja vista que os *espaços mentais* são construtores mentais utilizados no processamento do discurso a partir de instruções linguísticas fornecidas pelo contexto.

A teoria dos Espaços Mentais (1985, 1997) é um arcabouço de bastante importância no processo de construção de sentidos. Para Fauconnier (1985, 1997), a construção do significado ocorre por meio de dois processos: (i) a construção de espaços mentais e (ii) a criação de um mapeamento entre os espaços mentais. Acrescenta ainda que a relação entre os mapeamentos sofre forte influência do contexto onde o discurso ocorre, ou seja, a construção de sentidos é situada ou ligada a um contexto específico.

Nesse arcabouço, o espaço mental é uma região do espaço conceitual construída localmente, de acordo com as necessidades específicas do discurso. Desse modo, a formação dos espaços mentais e as relações estabelecidas por eles possuem o poder de contribuir muito na construção de sentidos e esses sentidos podem ser ilimitados.

Com ênfase na operação básica de *mesclagem conceptual*, os autores postulam que nossa mente cria, integra e projeta espaços, à medida que a ação discursiva avança. Assim, a obra *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities* (2002) surge como um amplo suporte que versa sobre os processos subjacentes à produção do significado e relata ainda que as conexões realizadas pela mente humana

são complexas e inconscientes, o que nos leva a inferir a integração conceitual como uma operação básica do processamento cognitivo humano.

A integração conceitual é um processo cognitivo que permite a interação entre domínios conceituais que funcionam como *input* para um novo espaço – a mescla. A interação entre os domínios de *input* é alcançada através de um mapeamento parcial que projeta seletivamente elementos dos *inputs* iniciais para um terceiro espaço, o espaço mescla, elaborado de forma dinâmica. Esse mapeamento explora estruturas esquemáticas dos *inputs* ou desenvolve estruturas esquemáticas compartilhadas. A estrutura compartilhada nos *inputs* iniciais fica contida em um quarto espaço chamado de espaço genérico.

Esses quatro espaços são conectados através de conexões projetivas e constituem uma rede de integração conceitual representada na figura (1), abaixo.

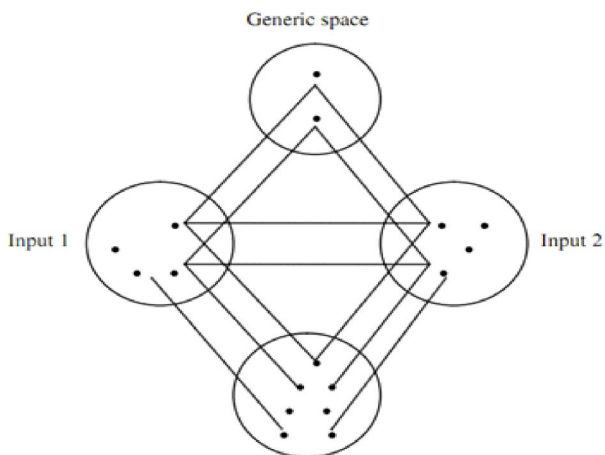


Figura (1) – Rede da integração conceitual

Fauconnier e Turner (2002) afirmam que criar uma rede de integração é estabelecer espaços mentais, é equiparar esses espaços, é realizar projeções seletivas, é localizar estruturas compartilhadas, é realizar projeções de volta para os *inputs* iniciais, é buscar novas estruturas para os *inputs* ou para uma mescla. Em suma, é realizar várias operações no próprio processo de mesclagem.

Ao estabelecermos um espaço mescla, estamos operando cognitivamente dentro desse espaço mescla, o que nos permite manipular vários

eventos dentro de uma unidade integrada. A mescla fornece uma estrutura, um elemento novo, inédito, não disponível em nenhum dos outros espaços da rede de integração. Esse elemento novo, que emerge do espaço mesclado, Fauconnier e Turner (2002) denominam de estrutura emergente, que recebe este nome por emergir do processo de mesclagem.

Para os autores, a conceptualização alcançada por meio da mesclagem consiste em um aspecto diferenciador da capacidade cognitiva humana, revelando-se como um mecanismo mental otimizador da memória, em razão da compressão propiciada pela integração entre os espaços de *input*, cujos elementos são projetados seletivamente no espaço mescla.

Assim sendo, cenários podem ser imaginados numa escala de compreensão ótima, de modo que, por exemplo, podemos conceber uma cerimônia de graduação sem a necessidade de carregar na memória todas as etapas pelas quais passamos até chegar à formatura. Essa compressão de elementos alcançada por meio da mesclagem de relações conceptuais é denominada de relação vital.

Em outras palavras, relação vital é a união entre elementos ou propriedades de contrapartes, de modo a possibilitar a compreensão numa escala humana, ou seja, de forma otimizada e imaginativa. Os autores propõem um pequeno conjunto das relações vitais, que se repetem com frequência em processos de mesclagem e podemos destacar, entre outras, relações de mudança, identidade, tempo, espaço, causa-efeito, parte-todo, representação, papel-valor, analogia, contrafactualidade, propriedade, similaridade, categoria e intencionalidade.

Nessa perspectiva, podemos conceber as relações vitais como relações conceptuais necessárias à integração de espaços mentais de natureza distinta que desempenham papel fundamental na configuração da rede de espaços mentais realizadas pela mente humana.

Por todo o apresentado, podemos aqui ratificar que uma rede de integração conceptual envolve sempre, pelo menos, quatro espaços: dois espaços de entrada, um espaço genérico e um espaço de mescla, embora existam também as mesclas múltiplas, que serão bastante importantes em nossa análise, em que várias entradas são projetadas em paralelo, ou os espaços são projetados sucessivamente em mesclas intermediárias, que servem como espaços para outras mesclas.

3. *Mesclagem em capas de revistas*

A perspectiva cognitiva acerca da construção de significados afirma que a conceptualização emerge do uso da língua no contexto. A teoria dos espaços mentais (1994) acredita que a conceptualização é orientada pelo contexto discursivo, que é parte principal no processo de construção de significados. De acordo com essa perspectiva, a construção de significados é localizada e situada no contexto e o conhecimento pré-existente orienta o processo de construção de significados.

Tais premissas nos levam a entender que a compreensão de palavras apresentadas nas capas das revistas, só encontra sua plenitude significativa ao serem entendidas no contexto geral da capa. Escolhemos para a este estudo duas capas da revista *Veja*, do primeiro semestre de 2012, ao entendermos que se trata de uma revista de bastante credibilidade, haja vista que se faz presente no mercado editorial durante mais de quarenta anos.

A *Veja* é uma revista de distribuição semanal publicada pela Editora Abril. Foi criada em 1968 pelos jornalistas Victor Civita e Mino Carta, trata de temas variados de abrangência nacional e global. Entre os temas tratados com frequência estão questões políticas, econômicas e culturais. Em seguida, passaremos à análise das capas selecionadas para este estudo.

3.1. **Caso Yoki: Mulher Fatal**

A construção de sentidos de um texto resulta da mescla de elementos dos espaços de *input*, o que é interpretado pelo leitor é recuperado em elementos que já existem em sua memória de trabalho. O leitor circula pelo texto e pelas pistas que identifica no texto, porém esse processo não acontece de forma linear ou sequencial, a construção de sentido se movimenta em várias direções, fazendo o leitor buscar informações textuais e extratextuais. Assim, a interpretação da capa da revista em questão pode possibilitar mais de uma leitura, haja vista o uso da palavra “fatal”.

O objetivo da capa é chamar a atenção do leitor para a reportagem principal da revista, nela é narrada a história de um rico executivo que se casa com uma bela garota de programa, tudo começa como um romance e termina em tragédia. Elize e Marcos Matsunaga moravam numa cobertura no bairro Vila Leopoldina em São Paulo.



Figura (2) – CASO YOKI, MULHER FATAL. *Veja*, Ano 45, nº 24, junho/2012

Os dois começaram a viver uma verdadeira história de amor. Nos primeiros anos, tudo corria bem. Ao longo do tempo, a relação foi se esfriando e Elize começou a estranhar o comportamento do companheiro, como sempre foi ciumenta, começa então o terror. Em público, só harmonia; em casa, muitas brigas, chegando a ponto de intermediar uma demissão de uma funcionária da empresa dele, pelo simples fato de presenciarem o marido trocando sorriso com ela.

O casamento começou a desmoronar a partir de uma viagem que fizeram ao Mato Grosso, em 2010. Sentindo que algo estava errado na relação por parte dele, por descuido, ela flagrou em seu computador uma conversa com outra mulher.

Assim, inicia-se o filme de terror com várias discussões, a vinda

de um filho agrava-se a crise conjugal a ponto de se cogitar um divórcio. Numa visita que fez a família, Elize contratou um detetive que, em tempo real, passava todas as informações do marido, confirmando a suspeita de que ele realmente traia a mulher.

Na foto da capa, temos o rosto da mulher e a chamada para a manchete “Mulher Fatal” que nos leva ao conceito de uma mulher sedutora; contudo, quando ligamos a foto ao fato ocorrido, entendemos que o adjetivo “fatal” possui outra conotação, ou seja, ela é uma mulher fatal no sentido de ser perigosa. Dessa forma, transformamos o significado da palavra “fatal”.

A rede de integração para a construção de sentido na capa da revista inicia com o acionamento de dois *inputs*, em um deles temos um *frame* de relação sexual onde há uma prostituta sedutora (fatal) e seus clientes. No outro *input*, temos um *frame* de família, onde há a esposa e o marido. No espaço genérico, temos a figura de um homem e de uma mulher que é o elemento comum aos dois *inputs*. No espaço mesclado, temos uma ex-prostituta casada com um de seus ex-clientes.

A fim de dar conta da construção de sentido presente na mudança de significado da palavra “fatal”, um novo *input* será aberto e nele há um *frame* de relação amorosa fracassada, onde há uma mulher traída e perigosa (fatal) e um marido traidor. Esse novo *input* será integrado ao espaço mesclado anterior, como resultado teremos no espaço mescla final uma mulher perigosa (fatal) que assassinou o marido traidor.

A inferência da palavra “fatal” como perigosa é gerada no espaço mescla final que torna o argumento da capa, eficaz em seu objetivo de persuadir o leitor, produz nele a sensação de convencimento alcançada através de um *insight* global.

A rede de integração para a conceptualização da capa analisada é representada na figura (3).

Na referida capa, temos as seguintes relações vitais: (a) relação vital de MUDANÇA, pois o adjetivo “fatal” vai se transformando ao longo da construção de sentido presente na capa da revista; (b) compressão por IDENTIDADE, haja vista que a mulher fatal com o sentido intentado na capa da revista só reside na mescla final. A conexão de mulher fatal (sedutora) e mulher fatal (perigosa) não se deve a uma semelhança objetiva de traços partilhados; ou seja, é estipulada somente na mescla; (c) compressão por CAUSA – EFEITO, pois o efeito da ação de trair foi a causa da

transformação da mulher fatal (sedutora) em mulher fatal (perigosa) e (d) compressão PAPEL – VALOR, dado que Elize Matsunaga é um valor para o papel de mulher fatal (perigosa).

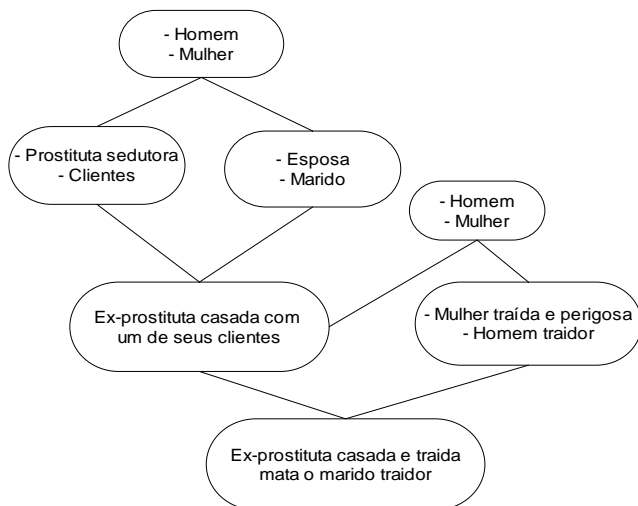


Figura (3) – Mesclagem presente na capa da revista Veja, Ano 45 no 24, junho/2012

3.2. Um tiro no pé

A reportagem “Um tiro no pé” mostra que a abordagem do ex-presidente Lula era parte de um audacioso plano do PT de usar a CPI do Cachoeira para constranger adversários, o procurador da república, a imprensa e juízes do Supremo Tribunal Federal, numa ação coordenada para atralhar o julgamento do mensalão.

A reportagem inicia com o dito popular “a vitória tem muitos pais, a derrota é órfã”, mostrando que se a estratégia de se criar uma CPI no congresso e desqualificar o julgamento de 36 réus na maioria petista tivessem sido bem sucedidas, sua paternidade seria atribuída ao ex-presidente Lula. Como deu tudo errado para as pretensões iniciais de Lula, a derrota agora vaga procurando uma paternidade, haja vista que o presidente nega peremptoriamente a iniciativa do ato.

O ex-presidente carrega dentro do partido o estigma de alguém que nunca erra; logo, uma iniciativa não bem sucedida nunca seria atribuída a ele. Com todo esse episódio, a imagem dele passou por uma pe-

quena mácula, por esse fato a reportagem denomina-se “Um tiro no pé”



Figura (4) – UM TIRO NO PÉ, PT. *Veja*, Ano 45 n° 23, junho/2012.

A reportagem também mostra que a estratégia dos “lulistas” na criação da CPI deu com os “burros n’agua”, pois são poderosas e incontroláveis as forças que se libertam quando uma CPI é instalada. Lula e seus auxiliares não conseguiram controlá-las conforme o planejado.

O ex-presidente tentou adiar a data do julgamento e também insinuou que se o ministro Gilmar Mendes não agisse de acordo com os propósitos do PT, poderia ser também investigado pela CPI.

Tal atitude do ex-presidente provocou a reação contundente de Gilmar e de outros ministros da corte parlamentar que viram na ação do ex-presidente uma clara tentativa de intimidação da justiça - movimento tão indecoroso que, ao contrário do imaginado pelos petistas, se voltou

contra o partido, ao consolidar a necessidade de uma pronta decisão sobre o caso. Mais um tiro no próprio pé.

A expressão “um tiro no pé” da reportagem da capa é utilizada pelo senso comum com o sentido de demonstrar que uma ação feita não se realizou conforme o imaginado no percurso da vida de um indivíduo. Dessa forma, entendemos que alguém praticou uma ação que se voltou contra si próprio, algo que nos licencia a abrir o primeiro espaço na rede de conceptualização para a compreensão da capa da revista.

Nesse espaço, temos o esquema imagético do TRAJETO, no qual há um indivíduo que pratica uma ação, outro indivíduo que recebe a ação e as ações que podem ser praticadas e recebidas por este indivíduo.

A palavra “tiro” da expressão remete-nos ao campo semântico de ação policial, haja vista que, na maioria das vezes, utilizamos esta palavra referenciando as ações realizadas entre policiais e bandidos. Isso nos leva a abrir um segundo espaço na rede de conceptualização, há aqui policial, o bandido e as ações que podem ser praticadas por ambos.

A integração dos dois espaços de *inputs* resulta no espaço mesclado que possui um indivíduo que praticou uma ação ruim contra si próprio, ou seja, ele deu um tiro no próprio pé. Como espaço genérico comum aos dois *inputs* utilizados, temos o indivíduo que pode praticar ou ser alvo de ações.

Na palmilha que representa o pé na capa da reportagem, há também uma estrela do PT, algo que nos leva a acionar que o indivíduo responsável pela ação ruim contra si próprio possui relação com o PT.

Ao lermos a pequena manchete exposta na capa, inferimos que o tiro no próprio pé foi dado pelo ex-presidente Lula. Dessa forma, abriremos, na rede de integração, um novo espaço de *input* que contém o quadro político atual, há aqui o ex-presidente, seus adversários políticos e ações políticas praticadas.

Ao integrarmos o espaço mesclado com o novo *input* aberto, temos uma rede múltipla de integração que possui como espaço mesclado final, o ex-presidente Lula praticando uma ação contra seus adversários políticos e o resultado sendo contrário ao seu intento. Temos aqui como espaço genérico comum aos *inputs* as intenções e os resultados das ações realizadas e recebidas pelos indivíduos presentes nos *inputs*.

A rede de integração para a conceptualização da capa da revista

analisada é representada na figura (5).

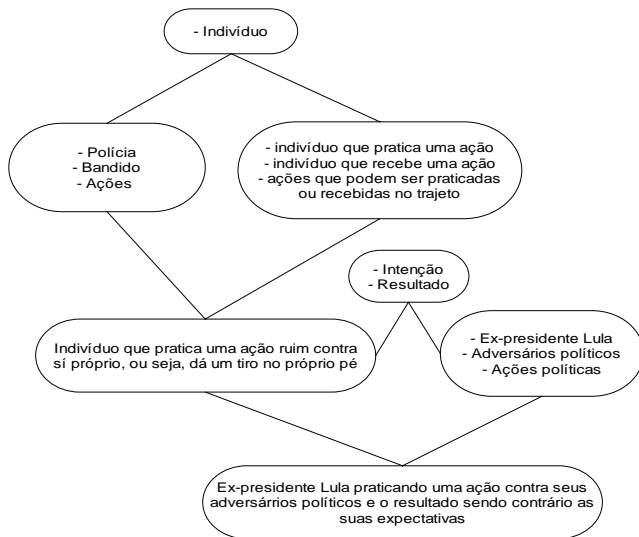


Figura (5) – Mesclagem presente na capa da revista *Veja*, Ano 45 n° 23, junho/2012

Na referida capa, temos as seguintes relações vitais: (a) relação de MUDANÇA, pois a imagem do ex-presidente saiu do processo em que ele estava envolvido como a imagem de alguém que tentou fazer uma armação, mas não foi bem sucedido; (b) compressão por IDENTIDADE, pois a conexão entre o indivíduo que deu o tiro no pé e o ex-presidente Lula só é alcançada na mescla final; (c) compressão por CAUSA – EFEITO, embora a intenção do ex-presidente não tenha sido alcançada, suas atitudes causaram um efeito, mesmo diferente do esperado e (d) compressão por INTENCIONALIDADE, o ex-presidente possuía uma nítida intenção ao envolver-se no processo da CPI, mas o seu intento não foi alcançada da maneira esperada.

4. Considerações finais

Acreditamos ter demonstrado neste estudo como uma abordagem baseada na noção da integração conceptual pode ser útil no processo de conceptualização de manchetes presentes em capas de revistas e sua relevância na construção do significado. Não há a intenção de alcançar generalizações, nem a expectativa de ter dado conta de todos os elementos que ainda podem ser averiguados acerca do tema. Esperamos somente

que este estudo motive outras pesquisas sob o escopo teórico da linguística cognitiva, com ênfase nas teorias da mesclagem conceptual e dos espaços mentais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASO Yoki, mulher fatal. *Veja*, Ano 45, nº 24, junho/2012.

EVANS, Vyvyan; GREEN Melanie. *Cognitive Linguistics: an Introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006, p. 400-444.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge. Cambridge University Press. 1994.

_____. *Mappings in language and thought*. Cambridge: Cambridge University Press. 1997.

_____; TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basis Books, 2002.

FERRARI, Lilian Vieira. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

GEERAERTS, Dirk. *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlim, New York, 2006.

<http://www.google.com.br>

MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

UM tiro no pé, PT. *Veja*, Ano 45, nº 23, junho/2012.